

Notas ou Rotas sobre o ato de estudar na era hi-tech Navegando ou naufragando na internet?

Marcos Érico de Araújo Silva*
Data de submissão: 15 mar. 2013
Data de aprovação: 30 abr. 2013

Resumo

Neste artigo pretendemos fazer uma análise existencial sobre a essência do ato de estudar no confronto com a realidade atual das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) nas quais os estudantes e educadores (as) estão inseridos. Fernando Pessoa, Pascal, Hölderlin, Schopenhauer, Nietzsche e Heidegger foram os poetas e filósofos que nos ajudaram a pensar sobre o que implica a vida de estudo na era *hi-tech*. Nesse maremoto de entretenimento, nesse tsunami de informações que nos assolam e, por vezes, nos desolam, como navegar na internet, no mundo virtual, sem levar a nós mesmos a pique, sem naufragarmos na vida efetiva?

Palavras-chave: Estudar. Era *hi-tech*. Informações. Compreensão.

Abstract

In this article we want to do an existential analysis on the essence of the act of studying in the confrontation with the current reality of New Information and Communication Technologies (NICT's) in which students and educators are inserted. Fernando Pessoa, Pascal, Hölderlin, Schopenhauer, Nietzsche and Heidegger were poets and philosophers who helped us think about what implies the study life in hi-tech age. In this tidal wave of entertainment, this tsunami of information that devastate us and sometimes afflict us, how to navigate on the internet, in the virtual world, without getting ourselves off down, without we sinking in the effective life?

Keywords: Study. Hi-tech age. Information. Understanding.

* Bacharel, Licenciado e Mestre em Filosofia pela UFPB. Atualmente, desde 2011, é Doutorando em Filosofia (UFPB-UFRN-UFPE), na linha de pesquisa em Metafísica, bolsista CAPES, trabalhando numa tese sobre Kierkegaard. É membro do grupo de Pesquisa *Filosofia da percepção* (UFPB) cadastrado no CNPq (E-mail: marcos_eric@yahoo.com.br e simesmo@hotmail.com).

“Navegar é preciso, viver não é preciso [...] Viver não é necessário; o que é necessário é criar.”

Fernando Pessoa

“Ora, onde mora o perigo
é lá que também cresce
o que salva”.
(Hölderlin)

Introdução (ou atijando)

No I séc. a.C Roma passava por grandes dificuldades. Com a expansão, cada vez mais gradativa, do Império Romano, aproximava-se, também, cada vez mais o perigo de uma possível rebelião dos escravos em virtude da carência de abastecimento de alimentos. O general Pompeu¹ recebeu a missão, pois, de solucionar o problema e transportar trigo das províncias para Roma. Isso resolveria o problema. Mas para a efetivação da solução desse problema outro problema, talvez maior que o primeiro, aparecia no horizonte e a-batia o coração, machucando-o e dilacerando-o. O lançar-se aos mares, no desconhecido, com instrumentos de navegação de limitação tecnológicas e com a crescente e sempre possibilidade de ataques e saques piratas tornava a missão do general Pompeu extremamente perigosa e des-animadora. Apresentava-se um grande dilema: ou permanecer em Roma levando a vida que se levava *alienando-se do perigo* que se aproximava, ou *assumindo o perigo* dos mares corria-se o risco de arriscar-se no navegar...; ou curtia a vida na alienação do inevitável, ou a vida era curtida na busca do provável no improvável; ou se deixava levar pelas ondas do destino, ou com o leme e as velas de nossa embarcação, de nossa vida, nos aventuramos na ventura venturosa da direção que desejamos; ou nos deixamos levar pelas correntezas, ou nos servimos de instrumentos para ir contra elas...

Para anima-r, encher de alma, motivar o movimento saindo do momento estático do dilema e, assim, assumir a vida levando ao sumo, à plenitude, à de-cisão de navegar para poder salvar Roma, o historiador Plutarco, pro-feriu estas palavras ferindo-curando o mais íntimo dos ouvintes que estavam amendrontados, desesperançados e, portanto, não desejavam empreender a viagem: “*Navigare necesse; vivere non est necesse*” (“*Navegar é preciso; viver não é preciso!*”).

¹ Cf. Vida de Pompeu por Plutarco.

Bem, segundo o historiador Plutarco, em virtude do êxito da missão empreendida e, portanto, da consequente escolha, de-cisão do general este obteve, pouco tempo depois, o posto de Cônsul (magistrado).

Qual relação disso com o que o título desse artigo promete? Que semelhança pode haver entre esse fato histórico e o ato de estudar, a era *hi-tech* e a possibilidade de navegar ou naufragar na internet para que faça sentido a analogia dando-lhe unidade, coerência e verdade?

1. Navegar é preciso; viver não é preciso

Talvez esse fato histórico tenha inspirado o poeta Fernando Pessoa na confecção dessa famosíssima poesia:

Navegar é preciso

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
“Navegar é preciso; viver não é preciso”.

Quero para mim o espírito [d]esta frase,
transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha
alma) a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade;
ainda que para isso tenha de a perder como minha.
Cada vez mais assim penso.

Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue
o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir
para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

Navegadores antigos, informa-nos e forma Fernando Pessoa, tinham essa frase gloriosa: “*Navigare necesse; vivere non est necesse*”. Nós homens modernos, moderníssimos, pós-modernos, hiper (ou ultra) modernos dizemos e vivemos na língua moderna de forma menos gloriosa: “*Sailing is*

necessary, living is not necessary”. Fernando Pessoa, talvez, utilizando da situação existencial, histórica dos romanos, “roubou” a frase para pronunciá-la em outra língua, em nossa língua, mas sem decair de seu espírito, de seu sentido oculto, da razão pela qual ela foi pro-nunciada e, por isso e por causa disso, ela foi escutada como um a-núncio e um pré-núncio da necessidade do navegar *como arte*, criação. Por isso diz Pessoa: “*Quero para mim o espírito desta frase, trans-forma-da a forma para a casar com o que eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar. Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso*”. Tem muita coisa aqui dentro que precisaria ser tirada, explicada, isto é, desdobrada... É uma frase-grávida! Sem pretender desdobrar, explicar tudo vamos apenas dá uma sacada, olhar de soslaio, fazer uma rápida e ligeira ultrassom...

“Quero para mim o espírito dessa frase”. Deixemos, pois, de lado os dados históricos, a matéria, as informações, o involucro para tentar dizer qualquer coisa (mas não uma coisa qualquer!) sobre o que nos propomos dizer, quer dizer, tentemos e nos esforcemos para nos e-levar levando o que foi dito e como foi dito para o “espírito”, ou perísprito *desses mesmos* “dados”.

Nós homens (pós-, hiper-, ultra-) modernos nos encontramos numa atitude existencial tal qual os antigos se encontravam. Talvez a nossa situação tenha mais de periculosidade e de gravidade pelo fato de ser mais camuflada e menos epidermicamente sensível e sentido o perigo. Vivemos o e no perigo sem nos darmos conta dele. Con-vivemos com ele e nele sem olhá-lo e vê-lo como e enquanto perigo. Dormimos com o inimigo, ou mais precisamente, o inimigo nos entretém acordados, paradoxalmente, numa vigília inconsciente, vigiando sem custodiar. *É um estar conectado vinte e quatro horas sem as vinte e quatro horas se conectar com o que se pensa estar conectado*. É um estar informado de todos e até dos mais banais e efêmeros acontecimentos sem ser por eles formados numa articulação intelectual de tentar compreendê-los, isto é, de perceber a *necessidade* pela qual eles acontecem e não poderiam, quiçá, não acontecer. É preciso escutar, nesse contexto existencial, o grito de Pessoa: “*Quero para mim o espírito desta frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar*”. Quero o sentido dessa conexão! Não quero o quantitativo, mas o qualitativo! Não quero apenas a matéria, o império dos *data*, a ditadura dos dados desprendidos e desencarnado do perísprito, do espírito que dá forma (alma, anima, movimento) e, portanto, sentido, razão de ser desses mesmos *data*, dados, informações.

Nós homens (pós-, hiper-, ultra-) modernos em virtude de tudo isso, nessa nossa *aldeia global*², nessa *Roma existencial* em que vivemos, com o risco sempre iminente de explodir ‘rebeliões’ aqui, ali e acolá, por alguns de nós, homens-mulheres-escravos, é preciso, é necessário que alguém receba a missão de acordar todos deste torpor. É preciso um general, que dominando a arte da navegação, possa empreender a missão de navegar e como fruto dessa boa navegação traga (não se perca!) os mantimentos e abasteça a cidade. Esse general precisa, pois, de marinheiros, de companheiros para assumir as diversas funções no barco, na embarcação. Sem isso a missão não se realiza! Mas esses marinheiros estão amedrontados, desesperançados. Não se dão conta do perigo porque não o veem como e enquanto perigo. Não tem, ou não veem imediatamente um motivo devastador que os façam sair de suas vidinhas, de suas pseudosseguranças para se lançarem nos perigos do mar. Vivem na inautenticidade existencial, na meio-criança, quer dizer, creem levar a vida à meia (uma vida *meia tigela*, coisa de escravo!), sem plenificá-la (enchê-la!). É preciso um general que na popa da embarcação lance um brado lancinante nos corações desses marinheiros, com “o vento em popa” carregando a sua voz: “*Navigare necesse; vivere non est necesse*”.

É verdade, porém, que, talvez, esse general (pós-, hiper-, ultra-) moderno tenha que falar a língua ou a gíria desses marinheiros. E, assim, sua voz, hoje, deva soar e ressoar, infelizmente, assim: “*Sailing is necessary, living is not necessary*”. A questão é que, dizíamos acima, quando pronunciada nessa língua, na linguagem de hoje, dos *bytes* e do descartável, talvez o sentido, o espírito pereça pela vitalidade da casca, do corpo, da matéria desvinculada ou cindida do espírito, da alma. E, desta forma, essa frase perde sua forma originária e, assim, sua força propulsora e desafiadora por plenitude, inter-esse³, tesão. Com efeito essa frase entra em de-cadência. A

² Termo cunhado pelo filósofo canadense Herbert Marshall McLuhan na década de 60. Entretanto permanece em suspenso e olhamos muito criticamente sobre a possibilidade de uma interligação e encurtamento de distâncias, como ocorre numa aldeia, em virtude do modo ditatorial, desordenado e alienante em que são utilizadas. A consequência muito sentida é que se há uma possibilidade de encurtamento de distâncias físico-geográficas, hoje, atualmente, existe como efeito direto um distanciamento existencial entre os indivíduos pelo caráter de entretenimento e de dispersão proveniente do maremoto de informações.

³ A palavra inter-esse tem uma grande importância na filosofia de Kierkegaard (1813-1855). A hifenização da palavra quer destacar o prefixo latino *inter* (entre, dentro, interior) e o sufixo *esse* (ser). Para Kierkegaard a filosofia tem como ponto de partida sempre o inter-esse, quer dizer, o movimento interior (não solipsista) desde dentro de uma disposição ou tonalidade afetiva que dá abertura para o Indivíduo (*den Enkelte*) tornar-se o que ele é e, assim, abre a possibilidade do filosofar afastado da abstração existencial.

cadência, o tom e entonação disto que é dito *perde-se* no imenso mar e ilimitado horizonte do império e ditadura dos *data*, das informações. Torna-se apenas uma informação entre muitas outras. O quantitativo solapa e devora o qualitativo. “Decifra-me ou devoro-te!”. Somos, pois, devorados pela voragem da nova esfinge (pós-, hiper-, ultra-) moderna, a saber, a técnica, a tecno-logia.

2. *Sailing is necessary, living is not necessary*

Quando um general (os professores, quem sabe!, os educadores, com certeza!), con-voca os marinheiros (os alunos, quem sabe!, os estudantes, certamente!), quer dizer, algum “cidadão alienado” para assumir a própria vida, e, assim, não se deixar levar por ela, desalienando-se, proclamando: “*Sailing is necessary, living is not necessary*”. Talvez não captando o espírito, a realidade que as palavras originariamente queiram revelar, se prendam a aparência do que é dito. E, assim, entendam muito ao pé da letra, que às vezes não tem um bom odor, o que deva ser entendido no sentido oculto (sangue, alma!), enxuto, limpo da letra.

“*Sailing is necessary*” talvez seja compreendida, hoje e em nosso contexto, como dando uma *primazia* a uma vida artificial e virtual, em *detrimento* da vida efetiva e real. “*Sailing is necessary*”, agora, talvez soe, ecoe e ressoe ao pé da letra como sendo impossível e inconcebível não navegar, quer dizer, não sangrar os mares virtuais da internet seria uma alienação. Portanto, em pleno século XXI, “*Sailing is necessary*” significa que “Navegar é preciso”, quer dizer, é necessário um computador ou dispositivo para através de um *Browser*, isto é, um navegador (Google, por exemplo) poder me conectar com o mundo através da Rede.

Nesse sentido, a língua moderna e modernizante, promove a decadência do sentido originário que os antigos davam ao “Navegar é preciso”. O navegar é preciso, porque só se empreende a navegação, a viagem com instrumentos adequados ao empreendimento: bússola, astrolábio, balestilha, quadrante. Não se navega lançando-se ao mar numa jangadinha, pois os perigos do mar provocariam um naufrágio certo, drástico e trágico. Não se improvisa, ou se experimenta imprudentemente. Tudo é calculado, medido, ponderado. O antigos não faziam uma missão

Aplicando a questão da educação poderemos pensar que uma proposta educacional ou pedagógica que de *per se* não parta e não vise o inter-esse está fadada ao fracasso antes de se lançar no esforço da tentativa de efetivação.

suicida, mas uma missão salvífica. Navegar, pois, é preciso, necessário porque quem se põe a navegar já assegurou antes e diante mão tudo que é imprescindível para a navegação.

Nós homens (pós-, hiper-, ultra-) modernos seguros de “nossas seguranças”, certos de “nossas certezas” como o famosíssimo *Titanic*, que “nem Deus o afundaria”, dada a confiança na tecnologia, seguimos alheios e alienados do real perigo e, assim, tocamos, cantamos, bebemos, comemos, postamos, mandamos SMS e a cada instante que pensamos estar chegando ao nosso porto seguro, na verdade estamos nos encaminhando para uma drástica tragédia. A navegação se faz tristemente naufrágio!

“[...] *living is not necessary*”, viver não é preciso. Não há necessidade da vida, no sentido de ser pura gratuidade, dom, dádiva. A vida dá-se, faz-se, acontece, quer dizer, a vida é história. Viver não é preciso porque a vida de algum modo, quer queiramos ou não, encontra um caminho alternativo para encaminhar a própria vida. Não escolher um modo de vida já é uma escolha, porque de qualquer modo a vida é sempre vivida. Na alegria, ou na tristeza, na saúde ou na doença, na autenticidade ou na inautenticidade sempre se vive ou sobre (sub-)vive de um modo ou de outro até que a morte tire e sufoque a vida.

Mas o modo como possivelmente se escuta hoje, pela atmosfera cultural e espiritual que nos envolve, o “*Sailing is necessary, living is not necessary*”, parece deturpar e corromper o sentido originário dos antigos. Isso repercute assim: Navegar na internet é preciso, porque a vida real e efetiva não é preciso. É preciso fugir do mundo real, da vida concreta, efetiva com todas as suas vicissitudes, dilemas e problemas para poder refugiar-me num espaço-temporal virtual. A vida é insuportável. A convivência com o outro revela o inferno do meu Eu, do meu si-mesmo. É muito difícil viver a vida. Caminhar na vida pisando o chão batido e pedregoso da história e da minha história particular e singular de vida, é dolorido, cansativo e, por vezes, sobrevém a tentação de aspirar e imaginar uma outra vida mais digna de ser vivida do que a minha própria vida. O desespero, pois, bate à nossa porta e nós mesmos o convidamos com toda solicitude para adentrar em nosso íntimo e fazer pousada em nosso coração. Quando ele se instala confortavelmente em nós mesmos, quando ele já irradia, por assim dizer, pelos nossos poros, afetando inclusive nossas relações interpessoais, então sentimos um certo incômodo e o tratamos como um inquilino querendo estressadamente dele nos livrar. Numa situação semelhante que parece *mutatis mutandi* ser a nossa, então parece e aparece tão sedutor a *fuga mundi* entendida de forma deturpada como a fuga de nossa realidade concreta e

existencial para respirarmos novos ares num mundo virtual. De fato: “*Sailing is necessary, living is not necessary*”.

Isto é uma alienação porque desse modo e com essas disposições não navegamos, mas naufragamos. Adiamos e intensificamos, sem sabermos, a escravidão de nós mesmos. Acontece mesmo em nível educacional-intelectual, não por falta de informações, mas precisamente por *excesso* delas! Precisamos de instrumentos e mecanismos, um instrumental adequado e apropriado para navegar com segurança. Precisamos de uma “bússola”, de uma orientação, de uma direção para não nos perdermos em falsos horizontes.

De posse dessa “bússola” então podemos e precisamos (devemos!) empreender a viagem. Porque com a “bússola” temos uma rota a seguir, um itinerário a cumprir numa viagem que navega em busca de suprimento e mantimento para salvar, libertar, alimentar e sustentar a vida. Não é, pois, um alienar-se e alhear-se da vida de si-mesmo (eu), mas é um voltar-se para a realidade nua e crua da vida efetiva! Precisamos salvar a vida dela mesma! Viver por viver não é preciso! Mas, por isso mesmo, precisamos *qualificar* a vida, escolhendo um tipo, um modo de vida, de existência. A vida implica e às vezes com-plica por causa das escolhas, infinitas possibilidades que sempre se apresentam, mas que é impossível de abarcar em sua totalidade. Por isso vida é angústia⁴, de-cisão, isto é, vida se faz e co-faz, agora e sempre, por meio e por força de cisões, rupturas com possibilidades de vida, de existência. Isso é angustiante!

Mas essa angústia é positiva na medida em que espreme meu coração impulsionando a escolher a mim mesmo! Nesse sentido, a vida, o viver aqui ganha um qualificativo diferenciado do simples viver como fulano, beltrano, pepino, jiló, tejo, borboleta, cachorro ou beija-flor. Essa vida, pois, é navegar! A vida que é navegar, portanto, é preciso! Viver por viver não é preciso! Esse é o sentido antigo e originário da frase de Pompeu apropriada por Fernando Pessoa, falando a nossa língua e conservando o sentido originário: “*Quero para mim o espírito desta frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar*”. A vida, pois, que é, quer dizer, que se faz no navegar, em navegando, qualificando essa minha vida, tão particular, tão banal, tão especial, tão ordinária, tão extraordinária é precisamente e justamente essa minha vida que precisa ser vivida. “Navegar é preciso; viver não é preciso!”.

⁴ Para um maior aprofundamento do sentido filosófico da angústia como fundamento filosófico da existência remetemos o leitor a obra clássica de Kierkegaard, de 1844, intitulada *O conceito de angústia*.

Viver por viver não é necessário. O que é necessário, o que é preciso é criar dessa matéria-prima — às vezes bruta, áspera e rude que é a minha vida — fazendo dela uma obra de arte. Viver por viver, não é preciso! Estudar é preciso! Viver não é necessário, necessário é criar! Fazer da vida uma obra de arte é contribuir com o Grande Artista, nas escolhas que fazemos, e nos rumos que tomamos para fazer de nossa vida o que ela tem, deve e precisa ser.

3. Na era *hi-tech* estudar é preciso!

Vivemos e convivemos no mundo da técnica e no império das Novas Tecnologias em Informação e Comunicação (NTICs). Não podemos e nem devemos nos afastar eremiticamente dessa realidade. Faz parte de nós, de nossa geração. As próximas gerações já estão sendo geradas nessa atmosfera cultural *hi-tech*. Em meio a esse oceano de informações disponíveis em segundos, ao alcance da mão, num clique, e, apesar da possibilidade de entretenimento dispersivo e alienante, é preciso navegar nesse mar bravio segurando com firmeza no leme de “nosso barco” nos encaminhando no caminho que nos conduz a nos tornarmos nós mesmos. Devemos disciplinar o acesso a tudo isso, sem nos privarmos disso, mas, entretanto, sem nos desgarrarmos de nós mesmos. É preciso que alguém, um líder, um educador (a) entenda bem de tudo isso, que seja um “*hi-tech*” sem ser *hi-tech*, quer dizer, que podendo e sabendo ser *hi-tech* renuncie, tire o hábito, peça exoneração, abdique disso justamente por compreender sua essência. É imperativo e uma profilaxia necessária saber formar-se hoje para sermos capazes de formar amanhã!

Encontramos nessa longa citação do Prof. Gilvan Fogel uma confirmação do que estamos refletindo aqui. Por essa razão acreditamos que ela se jus-tifica, isto é, tem sua razão, seu *direito* de ser conservada apesar ou justo por causa de sua extensão. O que Fogel escreve nessas linhas, penso, está respirando na mesma atmosfera do que aqui estamos tentando dizer sobre o ato de estudar na era *hi-tech*. É um farol luminoso que nos confirma em nosso caminho, em nossa rota:

Em suma, a educação não deve ser a defensora, a propagadora e a propagandista do que se chama, em sentido pejorativo, a ideologia de seu tempo, de sua época, ou seja, o que no tempo, na época, *se diz, se pensa, se fala a torto e a direito* e, assim, se torna como que o uniforme, a farda da época, do tempo. A educação, assim como o pensamento, não pode, não deve vestir este uni-forme, esta farda,

empunhar esta bandeira... A opinião vigente, a ideia fixa da época, isto é, o uniforme, a farda e a futilidade do tempo é a informação. Hoje se diz e se pensa que conhecimento é informação que educar é, deve, precisa ser transmitir, divulgar e aumentar conhecimentos, ou seja, acumular informações. [...] Pois bem, *contra isso* há que pensar; *isso* é preciso desestabilizar, e educar precisa ser um levar e um conduzir *contra* isso, a saber, contra a defesa e a consolidação de um tal modo de ser e de pensar, que se transforma na defesa, na propagação e na consolidação do cadáver, da morte — a morte da vida, que, por seu lado, é essencialmente *criação*. O *contra* é a favor da criação. Este, esta é o sim. Só na dimensão da criação é preciso conceber o verdadeiro conhecimento e compassado com este modo de ser, a criação, precisa andar e falar a educação. Suposto que informação seja a transmissão do feito, do dado e, então, do morto e que, portanto, não pode constituir o verdadeiro, o autêntico conhecimento, é preciso, é saudável que se faça um certo ceticismo, um pouco de desconfiança e de descrédito em relação ao furor e à beataria da *internet*, em relação ao furor da *pesquisa* (*internet* e *pesquisa* são identificados, com razão!), que não passa de acúmulo, de entulhação, de informações, de dados. Esta atividade desenfreada, compulsiva, na melhor das hipóteses, é distração ou do tédio ou do furor, melhor e mais precisamente, é cumprimento do furor do tédio (o “aborrecimento humano” é “voluptuoso”, já disse Machado de Assis!), convertido em *pesquisa* (memorial), jamais gerando o verdadeiro conhecimento, o autêntico saber, desde e como criação. Façamos uma retificação e uma concessão. É verdade que a vida, a criação, não podem abrir mão do feito, do dado, pois este ou isto é seu necessário ponto de partida. Assim, a partir do dado, vida recebe e transmite, herda e lega. Ela precisa, porém, do feito e do dado para superá-los, para ultra-passá-los, enfim, para perdê-los, esquecer-los e assim, leve e faceira, poder se *auto-pro-mover*. Isso é criação. A perda, o esquecimento, o abandono e o desentulhamento são constitutivos da criação, da espontaneidade vital. A disposição da criação, o só que precisa ser promovido e fomentado pela boa educação, ensina a, no tempo certo, perder, abandonar, largar — esquecer. [...] É preciso poder *viajar*, *navegar* pela *internet*, nosso super, nosso hiper, nosso panmercado, como Sócrates, o grande educador, altivo, orgulhoso, mas também sóbrio, simples, cheio e seguro de si, andava pelo mercado na *ágora* de Atenas, contemplando admirado, mas dizendo satisfeito: “Quanta coisa que eu não preciso!” (FOGEL, 2010, p. 40-41, grifo do autor).

Heidegger numa conferência intitulada *A questão da técnica* penetra na essência da técnica ao colocar a técnica enquanto questão, problema, reforça muito o que aqui estamos tentando refletir. A essência da técnica não se encontra no império da técnica. Não é nada de técnico, pois é a condição de possibilidade para que tenha acontecido e haja a técnica. Para o que aqui estamos discutindo não captaremos a essência do ato de estudar seguindo a lógica do predomínio *hi-tech*, mas antes é imprescindível apropriar-se da essência do ato de estudar para sermos capazes de usar sem abusar do *pão nosso-hi-tech de cada dia*. Sem querer adentrar numa análise da conferência de Heidegger, basta-nos comentar, para os nossos propósitos, um pouco a citação utilizada por Heidegger de um grande poeta alemão chamado Hölderlin: “Ora, onde mora o perigo / é lá que também cresce / o que salva” (HEIDEGGER, 2006, p. 31).

Que significado e qual o alcance que podemos divisar neste verso do poeta que poetando nos desvela a verdade do que aqui discutimos? Hölderlin fala poeticamente de um local, um âmbito em que “mora o perigo”, mas em que “também cresce o que salva”. Este lugar em que instala-se e reina o perigo justifica-se em virtude do perigo ser uma presença constante e não algo que esporadicamente ocorre. O poeta poetando arranca o véu que encobre a verdade, ou a visão sobre o perigo. Ao mostrar, neste des-velamento, que o perigo não é como um hóspede que acidentalmente visita-nos, ou mesmo que previamente planejado o hospedemos com certa frequência e sua passagem bem acolhida, essa permanência sempre será transitória. O perigo, admoestado no verso do poeta, não se dá como um hóspede no momento de sua hospedagem, mas o perigo se dá como uma permanente e per-sistente presença em sua insistência de fixar residência, moradia. O perigo é perigo porque ele “mora”, habita desde sempre em um *locus*.

Não há, pois, uma pluralidade eventual de perigos, como um perigo “aqui” outro “ali”, mas o que há é uma pluralidade iminente e insistentemente de perigos, que sempre e a cada vez, com mais força e persistência sobrevém. Então, no *locus*, ou no âmbito em que “mora o perigo”, temos um reinado perigoso ou uma morada ou habitação perigosa. Não será a era tecnológica, a era *hi-tech*, em que vivemos imersos e submersos nas novas tecnologias este *locus*, este âmbito, onde mora, reina o perigo, onde impera o império do perigoso?

Quando não visualizamos o perigo como perigo, quando dele não temos consciência, mesmo estando presente e com ele con-vivendo, esse perigo tornar-se-á assombroso e de efeitos nefastos quando se manifestar como tal. Em tais situações e nessas circunstâncias brincamos com o perigo

justamente por não sabermos do perigo e por lidarmos apenas como entretenimento dificilmente despertaremos para sua realidade. É por esta razão que o título deste artigo fala de “notas ou rotas”, quer dizer, aponta para a necessidade de um roteiro, itinerário para ser seguido. Na segunda parte da citação de Hölderlin encontramos o segundo movimento que acena para a “rota”, ou para o aspecto positivo que vige no interior dessa moradia, ou habitação perigosa. Nessa *aldeia global*, nessa era *hi-tech*, nessa nossa morada em que mora o perigo “[...] é lá que também cresce o que salva”. O “é lá que *também*” aponta, portanto, não para uma parte no *locus* ou uma região no âmbito, mas para a totalidade do local, mesmo sendo virtual, porque é lá “onde mora o perigo”, onde habita o império do perigoso e, justo aqui, é que “cresce o que salva”. Então é aqui que paradoxalmente encontramos “o que salva”. A salvação, isto é, “o que salva” só é encontrado quando o perigo é visto como perigo.

Se a nossa época, a era tecnológica em que vivemos, a era *hi-tech*, a *aldeia global*, é a habitação do perigo, onde impera o perigoso, e, portanto, o *locus* “onde mora o perigo”, então será justamente daí, desde dentro do interior da era *hi-tech* em que “também cresce o que salva”. Com efeito, na era *hi-tech* “também cresce o que salva” desde que seja visto antes como o *locus* “onde mora o perigo”! Como podemos ver, acompanhar ou contribuir para esse crescimento salvífico que redime a era *hi-tech* dela mesma?

No § 245 de *Parerga e Paralipomena*, última obra escrita pelo filósofo, publicada em 1851, Schopenhauer nos dá uma dica capital para podermos atingir a essência do ato de estudar como e enquanto um modo de ser de crescimento salvífico do estudar em nossa era *hi-tech*.

Os estudantes e graduados de todas classes e de todas as idades perseguem somente *informação*, não *compreensão*. Se empenham em ter informação de tudo: de todas as pedras, plantas, batalhas, experimentos, e de todos os livros sem exceção. Não lhes ocorre que a informação é um simples *meio* da compreensão e que em si mesmo tem pouco ou nenhum valor [...] (SCHOPENHAUER, 2009, p. 491-492, grifo do autor).

O que Schopenhauer escreve aqui, em 1851, sobre o equívoco do modo de ser nos estudos entre os estudantes, tanto graduandos quanto já graduados, ocorre *a fortiori* em nossa era *hi-tech*. Isso pelo fato de que a natureza humana é essencialmente dispersiva, quer dizer, sempre somos levados a buscar o imediato, a ação, os resultados fantásticos conseguidos com menos esforço, da forma mais rápida, e com grande repercussões.

Evitamos o silêncio, a solidão, a concentração, a meditação, a apropriação, a interioridade, enfim, tudo que implica a vida de estudo. Somos levados e inclinados mais à vida dispersiva, de entretenimento. Estamos constantemente saindo de nosso centro, de nós mesmos. A era *hi-tech*, a sociedade do espetáculo, como também é chamada a nossa sociedade, contribui negativamente para intensificar isso no ser humano. O filósofo francês, contemporâneo de Descartes, o inventor da calculadora, Pascal, designava essa experiência do humano de *divertissement*, divertimento, entretenimento.

Schopenhauer denuncia que o equívoco está em desejar buscar *informações* e não *compreensão*. Ora, isso é precisamente e justamente a chave de solução da questão. Hoje em dia, em nossa era *hi-tech*, isso é intensificado à máxima potência. Hoje o que mais temos à disposição e o que mais se busca é informação, manchete. A rota, o roteiro, porém, do ato de estudar deve ser o inverso, quer dizer, os estudantes não devem perseguir informações, postagens, mas devem seguir e perseguir a compreensão dessas mesmas informações. Nesse sentido as informações podem até ser úteis e, talvez, até necessárias quando seguidas do movimento de aprofundamento delas mesmas, na busca pela compreensão e razão de ser delas. Sem isso, sem tal motivação e desejo elas são sem valor. Elas, como afirma Schopenhauer, são apenas *meio*. Apenas e só isso!

Apenas como i-lustração, na tentativa de, por assim dizer, passar óleo de peroba, lustrando, e-videnciando o que estamos meditando, acenaremos para essa mesma questão, mas na perspectiva do professor, isto é, daquele que por já viver esse modo de ser no estudo é capaz de ensinar e mostrar a partir de seu modo de exercer seu labor diário que o mais fundamental não é possuir um excesso de informações, mas ser capaz de compreendê-las. Não importa tanto a erudição horizontal que aparentemente transborda, e isso justamente por não ter profundidade, quer dizer, no fundo ser muito rasa, mas o que importa é a capacidade de colher e acolher o que porta e im-porta comunicar. Façamos a ilustração escutando Heidegger em 1951 em um de seus Seminários:

Por que ensinar é mais difícil que aprender? Não porque os docentes tenham de estar de posse do máximo possível de conhecimentos e tê-los sempre à disposição. Ensinar é mais difícil que aprender porque implica um fazer aprender. E mais: o autêntico mestre a única coisa que ensina é a arte de aprender. Por isso com frequência a contribuição do docente desperta a impressão de que propriamente não se aprende nada com ele, enquanto de repente temos passado a entender por “aprender” a transmissão de

conhecimentos úteis. A única coisa que o mestre leva ao estudante é em que tem que aprender todavia mais que ele, pois tem que fazer-se com a capacidade de fazer aprender. O mestre há de ter a capacidade de estar mais disposto a aprender que os estudantes mesmos. O mestre está muito menos seguro de seu assunto que os estudantes estão do seu. Daí que na relação entre mestre e discípulo, se esta é genuína, nunca se ponha em jogo a autoridade do muito saber, nem a influência autoritária do encargo de ensinar. Por isso, chegar a ser mestre é uma coisa muito elevada e, desde já, é muito distinto de chegar a ser um professor famoso (HEIDEGGER, 2010, p. 77-78, tradução e grifo nosso).

Levamos uma topada, por assim dizer, tropeçamos na questão da aprendizagem, na relação educador-educando justamente por proposadamente termos colocado ao longo de nosso caminho meditativo, reflexivo isso enquanto questão. Isso significa que a educação e a aprendizagem está o tempo todo sendo colocada em questão nessa reflexão sobre o ato de estudar na era *hi-tech* como e enquanto *pedra de toque* (não de tropeço!) de nosso tempo, de nossa época, da onda do momento.

4. Tornar-se estudante, ou deixar-se aprender, aprendendo

Tentaremos nos acercar da questão justamente para indicar ou mostrar que a realidade do ser estudante, quer dizer, daquilo que implica ser estudante não está dado, feito, realizado, pronto e acabado, embalado ou enlatado. Ser estudante, na perspectiva abordada aqui, não decorre de um procedimento burocrático, administrativo, jurídico. Isso é ser aluno, é frequentar as aulas, no curso em que se está matriculado. E, diga-se de passagem, isso vai sempre existir, deve existir, porém esse não é o caminho, a rota autêntica de uma sólida formação. Entretanto, ser estudante quer destacar, chamar a atenção para as *dis-posições ou tonalidades afetivas* (inter-esse!) que transformam o aluno em estudante. Isso significa o *como*, o modo, a maneira, a forma *como* se forma! São precisamente tais *dis-posições* ou *tonalidades* que posicionam o estudante no lugar que lhe é próprio, apropriado, ou dão aquele tom tonificando ou entoando a sua nota certa posicionando-o na rota correta dos estudos com ritmo e alegria. Isso acena para o movimento do *tornar-se estudante*.

Tocamos na questão crucial: a aprendizagem, o tornar-se estudante, ou melhor, a arte de se deixar aprender, aprendendo. É qualquer coisa que tira os obstáculos, que percebe, capta e elimina os falsos atalhos no estudo.

O deixar-se aprender aprendendo é o meio ou instrumento para nos tornarmos nós mesmos, isto é, é o desencadear do vir a ser aquilo que se é. Temos que, a exemplo do camponês, do agricultor, trabalhar e preparar a terra para acolher a semente que geminará. É preciso limpar, tirar os entulhos, sangrar a terra, tirar as pedras e adubá-la. Falando aos estudantes, a terra são vocês mesmos e o ato de trabalhar na terra são as disposições afetivas, quer dizer, o exercício concreto de vossa liberdade conduzindo vossa formação num caminho seguro e frutífero! Em breve, ou num futuro não muito distante, vocês recolherão os frutos, experimentarão a alegria inaudita proveniente do vosso sacrifício.

O ato de estudar implica na capacidade de aprender a aprender, ou no deixar-se aprender, aprendendo. Heidegger num Seminário sobre *O que significa pensar?* explica com uma grande e admirável clarividência o sentido de aprender:

Aprender significa: pôr nosso fazer e omitir em correspondência com aquilo que de essencial nos apropriamos em cada caso. Para que sejamos capazes de consegui-lo, temos de pôr-nos em caminho. E se nos entregamos à empresa de aprender a pensar, no caminho que tomamos ao fazê-lo, sobretudo não temos de enganarmos precipitadamente sobre as perguntas cruciais, e temos de entregar-nos a perguntas donde se busca aquilo que não pode encontrar-se mediante nenhuma invenção. **Além do mais, nós homens atuais só podemos aprender se, por sua vez, desaprendemos [...]** O que, por exemplo, significa nadar nunca o aprendemos mediante um tratado sobre a natação. **Só o salto à torrente nos diz o que significa nadar.** A pergunta “o que significa pensar?” nunca pode ser respondida mediante uma determinação conceitual do pensamento, mediante uma definição do mesmo, de modo que a partir daí pudéssemos estender diligentemente seu conteúdo (HEIDEGGER, 2010, p. 19.26, Tradução e grifo nosso).

O tornar-se estudante é entrar nessa dinâmica do aprender a pensar. É o deixar-se aprender, aprendendo, pensando, fazendo, lendo, escrevendo, debatendo. Mas para isso temos que desaprender os falsos atalhos, os métodos e técnicas que só nos engessam matando o espírito criador do pesquisador em nós. Aqui a relação mestre-discípulo/educador-educando é decisiva e determinante. Tal relação deve ser madura e engendrar a criação, a autonomia no discípulo. O discípulo, o estudante na nossa terminologia aqui, não deve sempre e em todo tempo depender do mestre, do professor, do educador. O professor realiza a sua missão enquanto educador e o aluno,

tendo se transubstanciado em estudante, só o faz não raras vezes sob a guia, orientação e desafio de um autêntico mestre. Ao se encontrar em sua vocação, ao desenvolvê-la e chegar a uma maturidade sempre reconhecerá no seu mestre, um grande mestre, mas esse reconhecimento não o pode eclipsar. O estudante não pode ficar sempre numa relação de dependência de seu mestre, de seu professor. E o professor, sendo verdadeiro educador, autêntico mestre, contribuirá para essa libertação. É isso, e apenas isso, que um autêntico professor faz, quer dizer, pro-move a liberação de um tornar-se estudante e, então, eis que é engendrado, surge um autêntico discípulo! Em sendo verdadeiro (a) estudante (portanto, discípulo!) saberá apreciar o valor do mestre da forma mais adequada. O verdadeiro mestre, professor, educador, não dá as coisas prontas e acabadas. Não fornece técnicas que facilitem o fazer algo acadêmico, mas privando-o da luta e labuta do pensar e do refletir. Não. O verdadeiro educador, o mestre verdadeiro será aquele que desafiando e desencadeando a arte de aprender joga (solta!) o aluno na luta exigindo dele que em pensando aprenda a pensar. Aprendendo a pensar tornar-se-á aquilo que deve ser, isto é, verdadeiro (a) estudante!

Assim o verdadeiro mestre, o autêntico professor não decidirá pelo estudante, por exemplo, que temática deve pesquisar, em que autor deverá realizar uma investigação etc. Mas saberá que seja qual for a temática ou autor que esse ou essa estudante escolheu e decidiu investir sua pesquisa, ele ou ela o fará da forma mais adequada, apropriada e séria. O estudante não é e não deve ser um *alter ego* (outro eu) do professor, uma cópia imperfeita, para a qual o professor quer sempre moldá-la e aperfeiçoá-la. Não! O estudante é sempre visto pelo verdadeiro mestre com uma unicidade e uma individualidade ímpar que ele, enquanto educador, procura ajudá-lo a descobrir, desenvolvendo suas potencialidades. Cada um segue seu caminho com o jeito e trejeito que lhe é próprio.

Claro que a escola do mestre sempre forma uma espécie de estilo, de trejeito absorvido sempre pelos discípulos. Isso não é mal, é até mesmo natural quando a formação foi correta, séria e intensa. O modo como se aprendeu a pensar, a tornar-se estudante, sempre o carregamos no modo como pensamos e ensinamos. Mas esse trejeito não é uma imitação superficial e artificial que à primeira vista pode ser entendido. É um trejeito, um cacoete que denuncia a escola que frequentamos, os autores mais lidos, o professor mais admirado, o orientador escolhido. Entretanto esse nosso trejeito é apropriado de um jeito todo próprio, específico, peculiar.

Não é, pois, mera imitação que impede a criação, mas, pelo contrário, o trejeito da escola, do mestre, o carregamos com a necessidade de configurá-lo de outra forma, com uma capacidade criativa toda própria.

Gêmeos idênticos muito embora parecidos, semelhantes fisicamente um do outro, quase indiferenciáveis, possuem uma individualidade e personalidade totalmente distintas e, às vezes, depois de conhecê-los bem, quase exclamamos admirados e estupefatos: se não fossem tão parecidos, gêmeos idênticos ninguém diria que são irmãos! Tal é a verdadeira relação entre mestre-discípulo/educador-educando! Da mesma forma, essa relação mestre-discípulo/educador-educando, o jeito e trejeito podem ser o mesmo (mas o mesmo não é o igual!), denuncia sua matriz, sua escola, seus genitores, mas, ao mesmo tempo e, sobretudo, revela a diferença por vezes abissal entre mestre e discípulo. É esse jeito, trejeito, cacoete com suas individualidades e subjetividades, que rendem a maior glória ao mestre. E, diga-se de passagem (mas sem sair disso!), que é só esse tipo de glória que o verdadeiro mestre admira, aplaude, reconhece.

Imitação superficial que não busca e não faz desde a essência do fazer do mestre é qualquer coisa de cômico, tem um quê de palhaço, de picadeiro, de circo. Tal figura sempre busca e exige aplausos e fogos de artifícios... Às vezes soa e ressoa como coisa de louro, de papagaio, que repete coisas até belas, profundas até, mas que não foi conquistada, apropriada. Não sabe, pois, nem porque diz nem como diz, mas regozija-se em repetir porque o mestre, o falso mestre incentivou e exigiu essa fala ou, mais precisamente, charla, charleia, parleira, taramela, tartareia. Eis que surge mais um novo, até grande, ou mesmo grandiosíssimo *papagaio acadêmico* (aluno, professor?!). Poderíamos falar, então, comparando com a ave, com o chamado *papagaio-verdadeiro* (*Amazona aestiva*), conhecidíssimo aqui no Brasil (da ordem *Psitaciformes*, da família *Psittacidae*), em uma espécie de “bicho” bem peculiar, todo colorido, patriótico, quer dizer, dogmático, a saber, num *Amazona aestiva academicus???!!!* Em todo caso, não entendo de biologia, de animais... E bom, muito bom, muitíssimo bom, talvez, que eu continue sem entender...

Considerações finais (ou cutucando)

Enfim e por fim, o ato de estudar fala de atitude, ação, movimento apropriativo que deseja, busca aprender a aprender, aprendendo. Movimento que traduz o desafio do tornar-se estudante na era *hi-tech*. Um movimento que se opõe a uma passividade de recebimento e acúmulo excessivo de informações, mas que edifica desde si-mesmo e para si-mesmo uma a-propri-ação das informações recebidas. Em tal ato e no fluxo desse movimento, movido e co-movido com tais dis-posições, posicionando o

estudante no lugar que lhe é próprio, proporciona uma boa colheita nos estudos, quer dizer, resulta na conquista de si-mesmo, do próprio, de sua identidade. *Estudar é preciso!* Que viagem maravilhosa! Assim, ele ou ela contribuiu, sem dispersão, nem excessos de entretenimento, de *divertissement*, para tornar-se si-mesmo, sendo aquilo que deve ser ou precisa ser. Com efeito, a era *hi-tech*, o tsunami de informações que nos assolam, e, por vezes, desolam, pode ser controlado e utilizado a nosso favor sem nosso barco *ir a pique*.

Muito embora, tenhamos utilizado de imagens tais como rota, navegação, naufrágio, maremoto e tsunami é sempre útil guardar e levar conosco para nossa sobrevivência, como um colete salva-vidas ou um viático para o caminho, uma frase de Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra*, porque segue a mesma lógica e diz lapidarmente o que tentamos meditar aqui com outra imagem: “O deserto cresce: ai daquele que esconde desertos!” (NIETZSCHE *apud* HEIDEGGER, 2010, p. 92).

Referências

FOGEL, Gilvan. Notas a respeito da educação. *Revista filosófica São Boaventura*, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 37-41, jan./jun. 2010.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

_____. *¿Qué significa pensar?* Traducción de Raúl Gabás. Madrid: Trotta, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Parerga y paralipomena II*. Traducción, introducción y notas de Pilar López de Santa Maria. Madrid: Editorial Trotta, 2009.